

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E CRIATIVIDADE
CURSO DE HISTÓRIA

Gabrielle dos Santos Lopes

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CINEMA: UMA ANÁLISE DO FILME BARBIE
(2023) E AS EXPRESSÕES DA VIDA DA MULHER CONTEMPORÂNEA

Passo Fundo/RS

2024

Gabrielle dos Santos Lopes

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CINEMA: UMA ANÁLISE DO FILME BARBIE
(2023) E AS EXPRESSÕES DA VIDA DA MULHER CONTEMPORÂNEA

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto de Humanidades, Ciências,
Educação e Criatividade da Universidade de Passo
Fundo como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciado(a) em História.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline Ahlert

Passo Fundo/RS

2024

Para minhas amigas Caroline Adam e Sabrina Emily Karlinski, pois vocês são minhas grandes companheiras e eu as amo muito. A vocês duas, muito obrigada por esta linda caminhada.

Para minha mãe Maria Cristina e meu pai Juvenal,
para todos os meus colegas e professores do curso,
o meu muito obrigada. Vocês formaram parte de
quem sou.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Irmãos Lumière, 1895. Fonte: Google Imagens.	9
Figura 2 - Cinematógrafo, 1895. Fonte: Google Imagens.....	9
Figura 3 – Circuito da cultura de Stuart Hall, 1997. Fonte: The Work Of Representation, p. 1.....	11
Figura 4 - Capa do filme "Tirando o atraso" de 2016.	13
Figura 5 - Capa do filme "Beleza americana" de 1999.	13
Figura 6 - "Dykes to Watch Out", 1985. Fonte: Literary Hub.	15
Figura 7 - Primeira edição da boneca Barbie, 1959. Fonte: Google Imagens.....	21
Figura 8 - Primeira edição da boneca Barbie, 1959. Fonte: Google Imagens.....	21
Figura 9 - Barbie (2023), 00:01:24. Fonte: YouTube.	23
Figura 10 - Barbie (2023), 00:01:57. Fonte: YouTube.	23
Figura 11 - Barbie (2023), 00:22:20. Fonte: YouTube.	24
Figura 12 - Barbie (2023), 00:27:45. Fonte: YouTube.	25
Figura 13 - Barbie (2023), 00:57:28. Fonte: YouTube.	26
Figura 14 - Barbie (2023), 00:57:38. Fonte: YouTube.	26
Figura 15 - Barbie (2023), 00:50:44. Fonte: YouTube.	27
Figura 16 - Barbie (2023), 01:18:23. Fonte: YouTube.	28
Figura 17 - Barbie (2023), 01:42:24. Fonte: YouTube.	29
Figura 18 - Barbie (2023), 01:46:50. Fonte: YouTube.	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1 – A MULHER ATRAVÉS DAS LENTES DO PATRIARCADO	8
O cinema.....	8
História e cinema	9
As representações	11
A mulher nas mídias	12
O teste de Brechdel.....	14
.....	15
Debates acerca dos termos “mulher” e “feminino”	15
Outras análises fílmicas	16
Imagem.....	17
Cultura visual.....	18
CAPÍTULO 2 – UMA BONECA, TRÊS VERSÕES: UMA ANÁLISE DA BARBIE DE RUTH HENLDER, DA MATTEL E DE HOLLYWOOD.	20
Barbie: uma sinopse	20
Uma nova boneca	20
Críticas e adaptações	21
A boneca Barbie da adaptação cinematográfica e reviravoltas	22
A Barbie nas premiações do cinema.....	30
CAPÍTULO 3 – <i>WHAT WAS I MADE FOR?</i>	31
O processo de construção de identidade.....	31
Violência simbólica de gênero	32
A influência do cinema e o questionamento do <i>status quo</i>	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
FONTES	38
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre cinema e História são consideravelmente recentes. No princípio, as formas de se fazer História estavam diretamente ligadas às fontes documentais escritas, foi somente do século XX, com o movimento dos Annales, que o conceito de fonte histórica foi debatido e ampliado. A História da Arte já é conhecida há tempos, mas a relação entre ela e a Cultura Visual, da qual o cinema faz parte, foram mantidas à parte por muitos anos, logo, o estudo da intercessão de ambas também é recente. Apesar dos poucos trabalhos debruçados sobre esse assunto, algumas contribuições válidas já foram realizadas e publicadas por estudiosos do campo da História e da Arte.

O cinema hollywoodiano, desde os primórdios do seu surgimento, buscou representar aspectos da vida humana. Com o tempo, essas representações foram se transformando e tornou-se necessário aprofundá-las e atribuir significados a elas. Hoje, as produções audiovisuais muito se diferem das mais antigas e apesar de perceptíveis permanências na representação da mulher, algumas produções audiovisuais introduzem na sociedade contemporânea novas formas de pensar a questão das mulheres na história.

As mulheres eram em grande parte coadjuvantes, ou meras figurantes nas produções, suas personagens possuíam poucas ou até mesmo nenhuma fala. Interpretavam mães, governantas, donas de casa e abordavam assuntos que nada agregavam ao desenrolar da história contada. Para além, o próprio trabalho de atriz não era considerado uma profissão, pelo contrário, as mulheres que optaram por dedicar-se à arte da interpretação eram tidas como prostitutas. Papel que, por conta da objetificação do corpo das mesmas, também desempenhavam em frente às câmeras.

Essas representações rasas contribuíram, junto a outros fatores sociais, na forma como a mulher enxergava a si própria. As pessoas desligavam-se da vida cotidiana e transportavam-se para o outro lado da tela, imergindo em um mundo fantasioso que fornecia uma distração necessária. Todavia, enquanto os homens assistiam a um mundo de possibilidades, as mulheres contentavam-se, por necessidade, a assistir às suas próprias vidas, tendo em vista a estaticidade das representações femininas.

Todavia, o cinema hollywoodiano também dispõe de personagens bem construídas. É possível citar Clarissa Vaughan, interpretada por Meryl Streep no filme *As Horas* (2002), Clarissa está imersa na realidade difícil de uma vida cheia de percalços, porém é caracterizada como forte e independente, ciente do que almeja e capaz de qualquer feito.

Com o roteiro e a direção de Greta Gerwig, o filme *Barbie* (2023) estreou no Brasil no dia 20 de julho de 2023. Classificado como sendo dos gêneros de comédia, drama e fantasia, o filme aborda de forma crítica a vida da boneca Barbie em seu mundo, a Barbilândia, onde tudo é perfeito até o momento em que a sua realidade é interferida pelos acontecimentos do mundo real.

O filme possui a característica de autorreferenciação, mas apesar disso, traz novas perspectivas em relação às mulheres e a própria boneca que, desde a sua criação, gerou muitas controvérsias. Criada na década de 1960 por Ruth Handler, a boneca Barbie foi um marco na indústria de brinquedos, pois significava um mundo de novas possibilidades para as meninas da época.

Com o slogan “*you can be anything*”, “você pode ser tudo que quiser” em português, ela começou a servir de inspiração no mundo todo, mas com o tempo, discussões acerca da influência dela mudaram drasticamente a maneira positiva como era percebida. Branca, de corpo magro, cabelos lisos e olhos azuis, a boneca representava um padrão de beleza específico e que para muitas meninas, era inalcançável.

Com isso, esse trabalho visa problematizar a construção das personagens do filme *Barbie* (2023) abrangendo e comparando as formas de representação da figura da mulher reproduzidas por outros dois filmes, “8 Mulheres” e “7 Mulheres e Um Mistério”. A história da boneca Barbie e reflexos da sua influência também serão explorados. O trabalho justifica-se pela importância de estudar e analisar essas representações para melhor compreender seus reflexos em uma sociedade ainda sexista e patriarcal.

CAPÍTULO 1 – A MULHER ATRAVÉS DAS LENTES DO PATRIARCADO

Neste capítulo, será discutido a relação da História com o cinema e como a mulher vem sendo representada nas mídias, dando enfoque à sétima arte. Ao aprofundar esse assunto, serão apontadas características da construção de personagens do sexo feminino que se tornam problemáticos como a objetificação e a refutação e a futilidade do arquétipo feminino.

Tendo em vista essas características, ou a ausência delas, dois filmes terão suas personagens analisadas: *8 Mulheres* (2002) e *7 Mulheres e Um Mistério* (2022). Indispensavelmente, será esclarecido o que é socialmente concebido como mulher, como realmente isso se configura, a diferença entre os termos “mulher” e “feminino” e o que o segundo implica. Para finalizar esse capítulo, serão explorados o conceito de semiótica, o amplo conceito de cultura visual, imprescindível no entendimento da temática abordada e outros.

O cinema

Antes da invenção do cinema propriamente dito, houveram inúmeros desenvolvimentos tecnológicos que proporcionaram a criação de filmes. Invenções como a lanterna mágica, desenvolvida no século XVII, que projetava imagens em movimento, inspirando os primeiros experimentos com animações e fotografias em sequência.

A criação do cinema moderno no século XIX é geralmente atribuído aos irmãos Lumière, que inventaram o cinematógrafo em 1895 na França. Esta máquina capturava imagens em movimento e também as projetava para grupos de espectadores, marcando assim, o início das primeiras exposições públicas de filmes.

A história do cinema passou por inúmeras fases até estruturar-se da forma que é conhecido hoje. Houve a era do cinema mudo que perdurou da década de 1890 até 1920, a era do cinema sonoro com a duração de uma década (1920-1930), a era de ouro de Hollywood dos anos 1930 até 1950, tempo em que o cinema obteve ainda mais adesão e influência e a Era Moderna, que se estende até hoje.

Ao longo de sua história, o cinema não apenas evoluiu tecnologicamente, mas também refletiu e influenciou mudanças sociais, culturais e até mesmo políticas ao redor do globo. Desde seu modesto início até se tornar uma das formas de arte mais influentes e populares da atualidade, uma característica que não foi perdida no tempo é a propriedade de inspirar e entreter as pessoas no mundo todo.



Figura 1 - Irmãos Lumière, 1895. Fonte: Google Imagens.

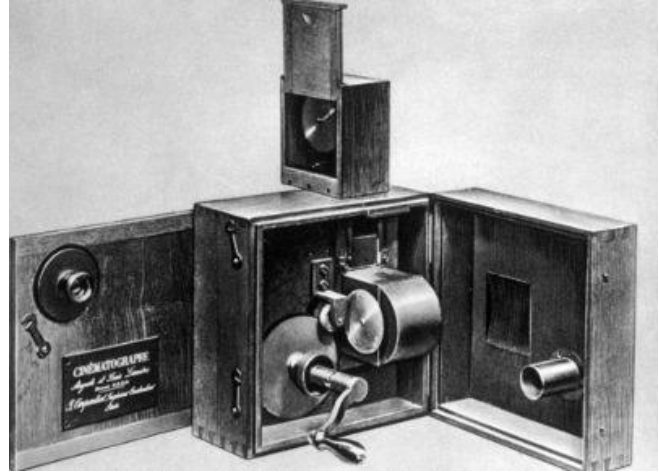


Figura 2 - Cinematógrafo, 1895. Fonte: Google Imagens.

História e cinema

A História como ciência utiliza de fontes para estabelecer-se e a relação dos historiadores com elas foram mudando drasticamente com o tempo. No princípio, eram consideradas fontes válidas apenas documentos escritos, portanto todas as outras manifestações humanas que divergissem desse paradigma eram refutadas. Aos poucos, outras formas documentais foram sendo utilizadas e legitimadas pelos historiadores.

No livro *“History and its images: Art and interpretation of the past”*, Francis Haskell pontua que no decorrer do estudo da História enquanto disciplina, historiadores tratavam a imagem de três formas diferentes. Alguns buscavam nelas a representação fiel de acontecimentos reais: das pessoas influentes e até mesmo questões simples, domésticas e corriqueiras. Ao realizar essa busca, o processo de desenvolvimento das imagens por parte dos artistas era negligenciado.

Pode-se dizer que dentre todos os problemas vindos antes do tempo em que as imagens eram entendidas e estudadas como hoje, o mais notável seja a visão da obra por ela mesma, seja o fato de que os historiadores se despreocupavam com a interpretação das imagens e acabavam por dar mais valor aos materiais escritos.

Essa nova visão desenvolveu-se em um momento bem específico da história europeia, surgiu a partir do Movimento dos *Annales*. Na década de 1920, o historiador Lucien Febvre, juntamente com outro estudioso da área, Marc Bloch obtiveram destaque na criação de uma revista chamada *“Les Annales d’Histoire Économique et Sociale”* que questionava a forma como vinha se fazendo História até então.

Mais tarde, outros críticos do positivismo, antigo paradigma, juntaram-se a eles, ficando conhecidos como “*École des Annales*”. O movimento dos Annales basicamente se tornou responsável por repensar todas as regras que antes eram impostas ao ofício de historiador e refutando-as, eles conseguiram abrir novos espaços e novas perspectivas para essa ciência e proporcionando também, que anos mais tarde produções cinematográficas se tornassem fontes legítimas.

“Assim a História aproximou-se da geografia, da estatística, da demografia, da linguística, da psicanálise e articulou-se com a sociologia, a arqueologia, a antropologia. Proporcionou também uma abertura para outras fontes, além dos documentos escritos, como a tradição oral, os vestígios arqueológicos, a iconografia, etc” (HEINSFELD, 2013, p. 133).

Para Marcos Napolitano, a utilização de fontes audiovisuais para a História está em constante crescimento, todavia ainda são percebidas pelos historiadores como novas e desafiadoras. Novas porque foi na década de 1970 que houve a ascensão da televisão, do videocassete, da fotografia e do cinema e desafiadoras porque as produções audiovisuais são dotadas de inúmeras possibilidades de interpretação e pode-se dizer que essa é uma das maiores dificuldades em seu uso como fonte histórica. Por isso, o historiador destaca a importância de estudar tais produções pelo que elas são de fato, quando escreve que “a questão, no entanto, é perceber as fontes audiovisuais [...] em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos” (NAPOLITANO, 2008, p. 236).

Mais especificamente sobre o relacionamento do cinema com a História, o historiador Marc Ferro escreve que:

“...entre o cinema e a história, as interferências são múltiplas, por exemplo: na confluência entre a História que se faz e a História compreendida como relação de nosso tempo, como explicação do devir das sociedades. Em todos esses lugares o cinema intervém” (FERRO, 1976, p. 11).

Entende-se então que o realizar a análise de um filme, é importante que o historiador esteja ciente de que o mesmo é fruto de uma criação e quem a realizou, fez a seleção das representações presentes no resultado do projeto, por isso não se pode analisar o filme por ele mesmo e sim, levando em consideração quem o fez, para quem o fez, quais os objetivos, qual o contexto da criação, além da realidade na qual todos os participantes da construção do filme estão inseridos.

As representações

Segundo Stuart Hall, as representações são fruto da interação de vários conceitos, um deles é o de cultura e o de linguagem. Definir o significado de cultura é complexo devido a sua abrangência. Isso é consenso entre historiadores e antropólogos. Apesar disso, será utilizado o conceito de Roque de Barros Laraia que afirma que ela se trata de “tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar para operar conscientemente e de maneira coerente no contexto de sua sociedade” (LARAIA, 1984, p. 62). Linguagem, por sua vez, é o processo pelo qual a comunicação entre dois ou mais indivíduos acontece e está inserida no conceito de cultura.

Ao afirmar a existência da conexão entre esses aspectos, Hall escreve:

Mas o que a representação tem a ver com “cultura”: qual a ligação entre elas? Simplificando, a cultura trata de “significados compartilhados”. Agora a linguagem é o meio privilegiado no qual “damos sentido” às coisas, no qual o significado é produzido e trocado. Os significados só podem ser partilhados através do nosso acesso comum à linguagem. Assim, a linguagem é central para o significado e a cultura e sempre foi considerada como o principal repositório de valores e significados culturais (HALL, 1997, p. 1).

Esses significados produzidos são de extrema importância para o objetivo desse trabalho, tendo em vista o seu propósito. Hall também traz em seu livro o “circuito da cultura”, esse auxilia na visualização de onde e como os significados são produzidos:

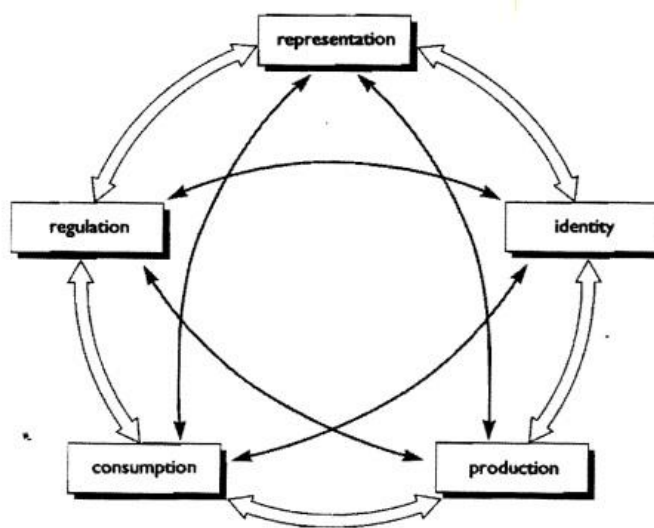


Figura 3 – Circuito da cultura de Stuart Hall, 1997. Fonte: *The Work Of Representation*, p. 1.

Para o escritor, “os significados também regulam e organizam a nossa conduta e práticas – ajudam a estabelecer as regras, normas e convenções pelas quais a vida social é ordenada e governada”, (HALL, 1997, p. 4).

A mulher nas mídias

A forma como a mulher vem sendo representada não somente no cinema, mas nas mídias em geral, desde os primórdios, impulsiona alguns questionamentos por parte da mulher contemporânea. Pode ser que o principal deles seja se tais representações condizem com quem realmente são e, caso contrário, por que não. Belíssimas, atraentes, sensíveis, vulneráveis e tantos outros adjetivos relacionados a esses estão ligados à feminilidade, às expectativas socialmente depositadas sobre as mulheres. Existem regras implícitas que ditam como elas devem se vestir, falar e se comportar diante dos demais. Implícitas porque não estão escritas em lugar algum, ao menos não oficialmente, mas são constantemente cobradas como se estivessem.

Uma ocorrência infeliz que pode ser observada ao dar atenção às representações da mulher em geral, é a objetificação de seus corpos. Ela deixa de existir como ser humano e passa a existir como um objeto, seja de desejo, de repulsa, variando conforme as intenções e os objetivos a serem alcançados pela reprodução. Exemplos dessa objetificação não faltam: comerciais de cerveja, capas de revistas, propagandas de roupas e similares onde a mulher, geralmente, aparece seminua.

A representação da mulher na mídia frequentemente perpetua estereótipos prejudiciais e reforça desigualdades de gênero, contribuindo para a manutenção de normas patriarcais e opressivas. Muitas vezes, as mulheres são retratadas de maneira objetificada, reduzidas a partes do corpo ou valorizadas apenas por sua aparência física. Isso reforça a ideia de que o valor das mulheres está ligado à sua atratividade sexual, perpetuando a ideia de que elas existem para o prazer masculino.

A mídia frequentemente promove estereótipos de gênero limitadores, como a mulher frágil que precisa ser salva pelo herói masculino, a dona de casa cujo único objetivo é cuidar da família, ou a mulher extremamente *sexy* que é disputada pelos homens. Esses estereótipos reforçam expectativas irreais e limitantes.

No caso específico do audiovisual, em muitos casos é perceptível que personagens femininas são mal desenvolvidas ou servem apenas como acessórios para a narrativa dos personagens masculinos. Elas podem ser retratadas como irracionais, emocionalmente instáveis

ou dependentes, enquanto personagens masculinos recebem maior profundidade e complexidade.

A mídia muitas vezes retrata a violência contra as mulheres de maneira sensacionalista ou romantizada, normalizando padrões de comportamento abusivo que acabam por dessensibilizar o público para questões sérias como violência doméstica, agressão sexual e assédio.

Combater essas representações problemáticas requer uma mudança sistêmica na indústria da mídia, promovendo a diversidade, a representação autêntica e a narrativa inclusiva. Todavia isso é consideravelmente difícil tendo em vista a existência de alguns grupos que se beneficiam dos resultados da representação fútil a qual a mulher é submetida. É pertinente destacar que para que o fato das representações problemáticas se tornasse menos recorrentes, foi desenvolvido um teste pelo qual muitos filmes são submetidos na intenção de problematizar os resultados obtidos.

No cinema, foco desse trabalho, essa objetificação também é notável. Ao observar cartazes ou capas de filmes, é perceptível o uso do corpo da mulher como ferramenta de propaganda.

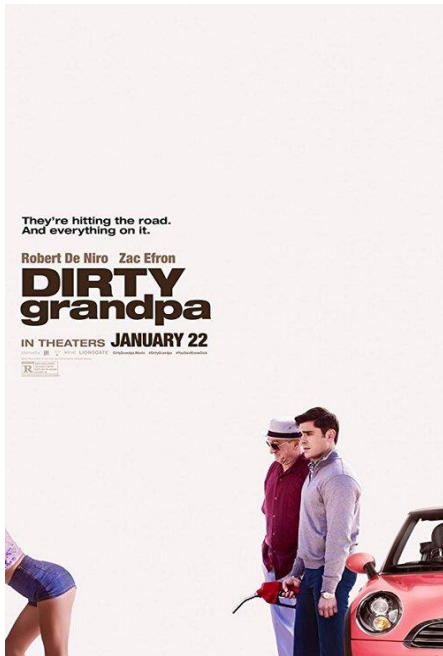


Figura 4 - Capa do filme "Tirando o atraso" de 2016.

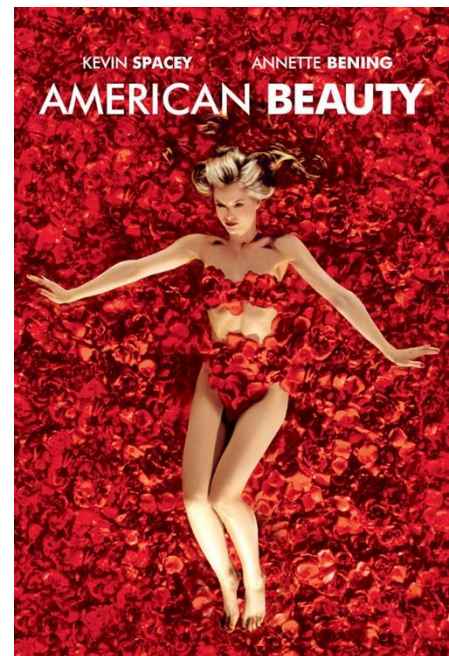


Figura 5 - Capa do filme "Beleza americana" de 1999.

Esses dois exemplos são dos filmes "Tirando o atraso" de 2016 e "Beleza Americana" de 1999, dirigidos por Dan Mazer e Sam Mendes, respectivamente. Em ambos, o corpo da

mulher é o componente principal da capa, o objeto utilizado para obter a atenção do público. Tal característica impulsiona entender o porquê dessa ocorrência.

A escritora francesa Simone De Beauvoir escreve que “a representação do mundo é operação dos homens; eles o descrevem do ponto de vista que lhes é peculiar e que confundem com a verdade absoluta” (DE BEAUVOIR, 1947, p. 203), essa frase enuncia que no contexto em que o homem é o responsável pela criação das normas sociais, nasce e se desenvolve a crença da superioridade dele, com isso, para a mulher não é possível desempenhar semelhante papel, mas sim inferiores, nesses casos, o de mero objeto.

O teste de Bechdel

O teste de Bechdel, criado pela cartunista Alison Bechdel em 1985 em sua tirinha "*Dykes to Watch Out For*", em tradução livre “Lésbicas para Prestar Atenção”, é uma medida simples, porém reveladora, da representação das mulheres na mídia, especialmente no cinema. Este teste se tornou um ponto de discussão importante sobre a igualdade de gênero e a representação feminina na cultura popular.

A aplicação é direcionada às produções audiovisuais com base em três critérios básicos. O primeiro deles é a presença de pelo menos duas personagens mulheres e ambas devem ter um nome próprio. O segundo é que essas duas personagens devem interagir entre si em algum momento e a terceira e última corresponde a necessidade de que a conversa entre ambas não pode se basear em torno de homens. Idealmente, se espera que elas discutam temas que não sejam relacionados aos interesses ou preocupações masculinas.

Essa poderosa ferramenta visa chamar a atenção para a representação limitada e estereotipada das mulheres na mídia. Muitos filmes populares falham em passar no teste de Bechdel, o que sugere que as narrativas frequentemente menosprezam personagens femininas delegando a elas papéis secundários ou subordinados em relação aos personagens masculinos.

A importância do teste de Bechdel vai além da sua aplicação prática. Ele serve como um ponto de partida para discussões sobre igualdade de gênero, inclusão e a necessidade de ampliar a diversidade de histórias contadas na mídia. Ao destacar a falta de representação significativa de mulheres que existem independentemente de seus relacionamentos com homens, o teste de Bechdel desafia criadores e consumidores de mídia a considerarem novas perspectivas.

Embora muitos filmes possam passar pelo teste de Bechdel de maneira superficial, a verdadeira medida de progresso reside na criação de personagens complexas, multifacetadas e autônomas, cujas histórias e interações contribuam para uma narrativa mais inclusiva e representativa na cultura contemporânea.



Figura 6 - "Dykes to Watch Out", 1985. Fonte: Literary Hub.

Debates acerca dos termos “mulher” e “feminino”

A sociedade em geral, por mais que inconscientemente, perpetua a ideia de que mulher é o ser nascido com o sexo feminino, que possui corpo, feições e trejeitos mais delicados que os dos homens, nomeados masculinos. Desse ideal advém múltiplas outras elaborações como o dever de ser mãe e esposa, trabalhar dentro e fora de casa e claro, ter êxito em todas essas tarefas. Todavia ao ampliar a visão de mundo, é transparente que nem todas as mulheres se encaixam nesses e em outros milhares de idealizações femininas. Torna-se, portanto, necessário fazer uma importante diferenciação.

Os termos “mulher” e “feminino” são frequentemente utilizados como palavras de significado equivalente, todavia diferente do que é concebido pelo senso comum, o “ser” mulher e a feminilidade não estão diretamente ligadas e podem, ou não, existir em conjunto.

Simone de Beauvoir argumenta em sua obra “O Segundo Sexo” que “não se nasce mulher, torna-se mulher” (DE BEAUVOIR, 1947), constatando que a concepção de “mulher” foi construída pela sociedade em algum momento da história. O mesmo aconteceu com o feminino, esse conjunto de características, assim como o masculino, podem ser evidenciadas nas pessoas independente do sexo, pois se tratam de formas de expressão.

Outras análises filmicas

Além do filme principal, serão analisadas personagens de “8 Mulheres” e “7 Mulheres e Um Mistério”. O segundo filme se trata de uma readaptação do primeiro, no enredo principal de ambos mudam pequenos aspectos, sendo o principal deles, a relação entre as mulheres, seus comportamentos e atitudes. Duas décadas separam a obra original de sua nova adaptação, nesse tempo a sociedade presenciou um aumento de debates sobre as múltiplas questões da vida da mulher e essas certamente influenciaram na construção do filme.

Em “8 Mulheres”, filme francês dirigido por François Ozon e lançado em 2002, conhecemos oito mulheres que, após o assassinato do patriarca da família, são suspeitas do crime. Gaby é a mãe e esposa que gentilmente hospeda a irmã Augustine e a mãe Mamy. Na mansão também residem as filhas de Gaby e Marcel, Suzon e Catherine, a cozinheira Madame Chanel e a empregada Louise. A sétima mulher é Pierrette, irmã de Marcel que vem de Paris para uma visita.

No decorrer do filme, é perceptível o clima tenso de rivalidade que permeia as mulheres, cada uma tenta incriminar as outras e se livrar da culpa, enquanto se preocupam com o destino que será dado à herança milionária. Gaby é retratada como uma mulher bonita, elegante, séria e rica, o oposto de sua irmã Augustine que, por sua vez, é descrita como feia, desajeitada, ranzinza e “solteirona”, nunca se casou e é secretamente apaixonada pelo marido da irmã, motivo que as fazem trocar farpas o tempo todo. A mãe de ambas, Mamy, é uma senhora ambiciosa que esconde suas verdadeiras intenções por detrás de uma suposta doença que a faz necessitar de uma cadeira de rodas, está sempre reclamando de dores e do desamor por parte da família. Suzon é a filha mais velha que saiu da casa dos pais para estudar, é jovem e muito bonita, mas sua verdadeira personalidade se distancia do que todos acreditam ser “a filha perfeita”. Catherine é a caçula, questionadora e vivaz, é tratada como infantil demais para

opinar sobre quaisquer questões da família, o que a irrita profundamente. Madame Chanel é uma senhora modesta, preocupada com seu trabalho está sempre disposta a melhor fazê-lo, Louise é jovem, bonita e sedutora, é constantemente encarada como uma ameaça por todas e finalmente, Pierrette, uma mulher moderna, solteira e tão ambiciosa quanto Gaby, por serem consideravelmente parecidas, as duas se detestam. Todas essas mulheres escondem muitos segredos e a credibilidade de todas são postas a prova no dia do crime.

Já na versão italiana, “7 Mulheres e Um Mistério”, o drama principal é o mesmo. Margherita é a viúva de Marcello, em sua mansão moram Agostina e Rachele, irmã e mãe respectivamente. Junto delas, as filhas Caterina e Susanna e a empregada Maria. Nesse filme, a sétima mulher é Veronica, o primeiro amor, amante de Marcello e grande inimiga de Margherita. As personagens são construídas de maneira semelhante às anteriores, as características principais são mantidas, Maria lembra Louise e Veronica, Pierrette. Pode-se dizer que a base dessas histórias não é nova, nestes cenários existem mulheres, desavenças, traição e como peça central, o homem.

Imagem

Aprofundando a pesquisa sobre as representações, é necessária a compreensão de outros conceitos importantes, o de imagem e o de cultura visual. Para que isso seja possível, esse trabalho utilizará das concepções da estudiosa e especialista no assunto, Martine Joly.

Em seu livro intitulado *Introdução à Análise de Imagem*, de 1996, Martine Joly busca auxiliar no processo de compreensão da forma como as imagens transmitem mensagens. Para Joly, existe uma grande dificuldade em definir de forma simples o que é uma imagem tornando possível englobar todos os seus usos, porém uma das concepções mais antigas de imagem, a de Platão é basilar. Platão definia imagem como sendo sombras e reflexos. A partir dessa ideia, se torna possível entender que imagens são objetos que advém de outros objetos, os representando.

“No começo, havia a imagem. Para onde quer que nos voltemos, há a imagem” (JOLY, 1996, p. 17), com essa frase a autora relembra que, desde o princípio da história, antes mesmo da escrita, as imagens foram uma das primeiras ferramentas de comunicação a serem utilizadas pelos seres humanos, as maiores evidências disso são os petrogramas e os petroglifos, a arte rupestre. A imagem pode, portanto, ser considerada uma linguagem.

A sociedade contemporânea vive com a presença constante de imagens e uma das mais recorrentes são as imagens de mídia, como é o caso do cinema. A sétima arte, utiliza de algumas

das inúmeras configurações da imagem para reproduzir mensagens que também carregam múltiplos significados e podem ser compreendidas de maneiras diferentes.

A análise da imagem requer a habilidade de realizar a sua leitura e para que ela seja precisa, é imprescindível o conhecimento de quem a produziu, para quem o fez e qual o contexto da produção. Para isso pode-se fazer uso da semiótica, que consiste no estudo dos “signos”, uma abordagem teórica que coloca em primeiro plano a significação, a interpretação e o modo de produzir sentido de uma imagem.

Todavia, essa leitura pode parecer intuitiva e universal, mas não é. Reconhecer e interpretar são ações complementares e não sinônimas. “O trabalho do analista é precisamente decifrar as significações que a “naturalidade” aparente das imagens visuais implica. ‘Naturalidade que, paradoxalmente, é alvo espontâneo da suspeita daqueles que a acham evidente, quando temem ser ‘manipulados’ pelas imagens”, (JOLY, 1996, p.43).

Cultura visual

No processo de análise, para além da imagem, é necessário conhecer as implicações da cultura visual. No artigo “Pensando sobre História, Imagem e Cultura Visual, de 2013, Charles Monteiro escreve que esse campo de estudo é complexo e consideravelmente recente e traz múltiplos autores que contribuíram para o debate do seu significado e função. A primeira vez que se tem conhecimento da utilização desse termo é na obra “*Towards a Visual Culture: Educating through Television*” de Caleb Gattegno no ano de 1969. Nela o autor afirmava que a televisão poderia ser útil na educação das crianças desde que os educadores soubessem usá-la. Anos mais tarde, diversos outros autores escreveram sobre buscando conceituar o termo.

Estudos relacionados no mundo todo colaboraram para que em 1980 nos Estados Unidos, surgissem os Estudos Visuais, estudos esses que partiram da colaboração de inúmeros pesquisadores. Pouco mais de uma década depois, em 1998, pesquisadores do campo do cinema e da História, principalmente a História da Arte, criaram o Programa de Estudos Visuais da Universidade da Califórnia (Irvine).

Tratando especificamente do encontro entre a Cultura Visual e a História, Paulo Knauss traz duas perspectivas de estudo do conceito, um restrito e um abrangente. A restrita “aproxima o conceito de cultura visual da diversidade do mundo das imagens, das representações visuais, dos processos de visualização e de modelos de visualidade” (KNAUSS, 2006, p. 106), já a mais abrangente “serve para abordar especificamente a cultura ocidental, definida pela centralidade

do olhar” (KNAUSS, 2006, p. 106). Monteiro acrescenta que essa “permitiria pensar as diferentes experiências visuais ao longo da história em diferentes épocas e sociedades” (MONTEIRO, 2013, p. 11), para ele, aqui encaixa-se a História e a sua capacidade de problematizar os olhares de cada época.

Em suma, os estudos sobre Cultura Visual buscam analisar como diversos tipos de imagens influenciam a vida social e moldam a visualidade de uma era. Para que isso ocorra, é preciso o envolvimento nas investigações de como as imagens são produzidas e disseminadas, como diferentes grupos e espaços sociais são retratados, definindo padrões, e como isso impacta a forma das pessoas verem e compreenderem a realidade, além de inspirar modelos de comportamento social conhecidos como regimes de visualidade.

CAPÍTULO 2 – UMA BONECA, TRÊS VERSÕES: UMA ANÁLISE DA BARBIE DE RUTH HENLDER, DA MATTEL E DE HOLLYWOOD.

Este capítulo abordará a sinopse do filme *Barbie* (2023) e sua ficha técnica. Para além, será discutido a história da boneca Barbie e seu processo de desconstrução para a construção da personagem fílmica. Aqui também serão descritas cenas específicas do filme e discutidas quais as possíveis intenções por trás das escolhas feitas pela produção, em relação às referências buscadas nas vivências e nas experiências compartilhadas pelas mulheres nos mais diversos contextos sociais.

Barbie: uma sinopse

O filme *Barbie* é uma ficção lançada no ano de 2023 e no Brasil, mais especificamente, chegou aos cinemas no dia 20 de julho. A direção é de Greta Gerwig, que em conjunto com Noah Baumbach também escreveu o roteiro. O elenco principal é composto por Margot Robbie no papel da boneca Barbie, Ryan Gosling como Ken e America Ferrera interpretando a humana Gloria. Ruth Handler, a criadora da boneca, foi interpretada por Rhea Perlman.

Barbie (2023) vem ao público classificado como um filme de aventura, comédia e fantasia. A saga da boneca começa quando surgem sinais de que o seu mundo perfeito, a *Barbielândia*, está entrando em ruínas. A partir do momento em que Barbie experencia problemas antes desconhecidos por ela, é orientada a buscar a ajuda da “*Barbie Estranha*”, uma boneca de roupas engraçadas, cabelo desarrumado e rabiscos na face que é vista por todos como símbolo de derrota. Ao conversar com ela, Barbie a ouve e entende que precisa procurar por respostas no mundo real.

Percebe-se que a representação de Barbie não foi feita de forma rasa, principalmente no momento em que ela toma consciência do que implica ser mulher em uma sociedade. É nesse sentido que o filme traz novas perspectivas em relação às mulheres e a própria boneca que, desde a sua criação, gerou muitas controvérsias.

Uma nova boneca

Antes de aprofundar a história narrada pelo filme e as representações que interessam ao trabalho, é preciso conhecer a história da boneca Barbie e sua significância ao longo das

décadas. A boneca que tem mais 75 anos carrega até a atualidade uma reputação repleta de questionamentos.

Criada pela empresária estadunidense Ruth Hendler, no final da década de 1950 e grande sucesso da empresa Mattel, Barbie foi considerada uma revolução no mercado de brinquedos infantis, principalmente os pensados e desenvolvidos para as garotas. Até então as bonecas consistiam em imitações humanas em formato de bebês cujo o intuito era fazer da criança que com elas brincavam, uma mãe de fantasia. Barbie, não. Hendler desenvolveu uma boneca adulta que carregava consigo o slogan “*You can be anything*”, em português, “você pode ser tudo”. As meninas não se detinham mais às fantasiosas obrigações maternas, mas sim, a serem protagonistas de suas próprias vidas, assim como Barbie.

A precursora possuía um corpo esbelto, magro, cabelos pretos e acessórios, vestia um maiô, salto alto e maquiagem marcante. Devido ao grande sucesso de vendas, algumas modificações foram feitas para que existisse outras versões da mesma boneca. A segunda possuía cabelos loiros e olhos azuis.

Críticas e readaptações

Com o aumento da popularidade da Barbie, aumentaram também as críticas por parte do público. Inicialmente as críticas vinham de mães e pais que, devido ao contexto da época, possuíam ideais conservadores, “as famílias americanas conservadoras não aprovaram a boneca por sua dimensão *sexy*” (CECHIN; SILVA, 2012), a consideravam um objeto vulgar e de má influência. Apesar disso, novas versões continuaram a surgir.



Figura 7 - Primeira edição da boneca Barbie, 1959.
Fonte: Google Imagens.



Figura 8 - Primeira edição da boneca Barbie, 1959.
Fonte: Google Imagens.

Com o tempo e também por conta do crescimento do movimento feminista e debates relacionados às questões de representação e representatividade, as críticas passaram a ser outras. Apesar das inúmeras criações, as características principais da boneca eram sempre mantidas. Branca, de corpo magro, cabelos lisos e olhos azuis, a boneca representava um padrão de beleza específico e que para muitas meninas, era inalcançável.

Na década de 1980 foi lançada a primeira Barbie negra e ao final da década de 2010, especificamente no ano de 2016, surgiram bonecas com diferentes alturas e corpos curvilíneos. Atualmente, ainda influenciada pelas mudanças sociais, existem até mesmo bonecas representando mulheres com deficiência, acompanhadas de cadeiras de rodas, muletas e outros instrumentos de apoio.

A boneca Barbie da adaptação cinematográfica e reviravoltas

Inicialmente, o filme fala sobre quão revolucionária foi a criação da boneca Barbie, pois possibilitava que as meninas desenvolvessem novas perspectivas de vida enquanto brincavam, perspectivas essas que iam além do exercício do papel de mãe. Na cena em específico, quem assiste percebe um grupo de meninas brincando com bonecas que imitam bebês, colocando-as para dormir, alimentando-as, pendurando as roupinhas recém lavadas em um varal, passando-as depois de secas, funções essas comumente socialmente atribuídas a mulheres mães.

A expressão no rosto dessas crianças é de tristeza e cansaço. Aqui é visível a relação com o quão desgastante o papel de mãe pode ser e que não é amplamente debatido por se tratar de algo que, devido as expectativas da sociedade, deveria ser algo sempre prazeroso. Até hoje é perpetuada uma ideia de que ser mãe é uma dádiva, algo que jamais poderia ser ruim, doloroso ou cansativo, essa ideia é prejudicial, pois faz com que mães creiam que se esses sentimentos fazem parte de suas rotinas elas estão fazendo algo errado, não estão sendo boas mães e terminam calando sentimentos de frustrações por vergonha de julgamentos.

Tudo muda quando a Barbie surge, novas possibilidades passam a existir e os rostos antes tristes, agora se iluminam, nesse momento também é possível relacionar o fato de que quando mães, as mulheres frequentemente por necessidade, passam a deixar de lado as tantas outras características que as tornam quem são. É como se ao assumirem o papel de mães elas deixassem de ser mulheres, amigas, filhas, irmãs e tantas outras coisas mais, como se suas vidas desse momento em diante deveriam ser inteiramente dedicadas à criação dos filhos.



Figura 9 - Barbie (2023), 00:01:24. Fonte: YouTube.



Figura 10 - Barbie (2023), 00:01:57. Fonte: YouTube.

No início do filme o espectador é apresentado a Barbielândia, o mundo cor-de-rosa onde vivem Barbies e Kens em harmonia. Nesse mundo onde todas as profissões são exercidas pelas bonecas, desde as garis até a presidente, as bonecas acreditam que todos os problemas de uma sociedade estão resolvidos, graças a elas e ao feminismo, elas creem que devido ao fato de que a boneca Barbie pode ser tudo o que quiser, como diz o slogan, as mulheres a tem como inspiração e também podem realizar tudo o que desejam no mundo real. Apesar da ideia de que problemas são inexistentes, durante uma festa organizada por Barbie, em meio músicas animadas e coreografias, a boneca pergunta as demais se elas já haviam pensado sobre a morte. Todos os presentes ficam estarecidos e então percebem que algo está fora do comum, afinal, bonecas não morrem.

Ao conversar com a “Barbie estranha”, ela oferece duas possibilidades à protagonista: ou ela volta para suas atividades diárias e procura esquecer da existência do problema, ou ela realiza uma viagem até o “mundo real”, enfrenta e resolve o importuno. Nessa cena da oferta,

a Barbie estranha segura e uma de suas mãos um sapato rosa, representando a primeira opção e na outra, ela segura um sapato *Birkenstock*. Esse momento, apesar de ser uma referência clara a um dos filmes da franquia de *Matrix*, também faz referência ao momento na vida de uma mulher em que ela deve escolher entre permanecer em sua zona de conforto (o sapato rosa), ou se dispor a lutar contra os múltiplos problemas influenciados pelo patriarcado (o sapato *Birkenstock*). O primeiro sapato possui uma estética agradável aos olhos, simbolizando o desejo de escolher o mais fácil e menos desgastante, já o segundo é totalmente o oposto, simbolizando algo difícil, mas apesar de desagradável por vezes se torna necessário.



Figura 11 - *Barbie* (2023), 00:22:20. Fonte: YouTube.

Barbie é encorajada e convencida a buscar pela menina que brinca com ela no “mundo real”, pois todas as alterações na vida da boneca estão sendo causadas pela conexão entre as duas, significando que todos os problemas da boneca, são resultado dos problemas enfrentados por quem a possui. Mais tarde descobre-se que ela não se trata de uma criança, mas sim uma mulher adulta chamada Glória que sofre com a pressão imposta pela sociedade sobre as mulheres. Glória é secretária do CEO da Mattel, não tem seu trabalho valorizado nem por ele, nem pelo resto da equipe inteiramente composta por homens e está passando por momentos conturbados na relação com sua filha adolescente. Além do sentimento de inutilidade no trabalho, ela sente que é uma péssima mãe por não conseguir criar conexões com a filha.

No filme de Greta Gerwig, a questão principal é a relação da boneca com o mundo real, principalmente como a estrutura patriarcal da sociedade. Quando Barbie precisa deixar a Barbielândia para resolver importunos de sua vida de boneca, acompanhada por Ken, o choque de realidade a espanta. Em seu mundo cor-de-rosa todos a conhecem e a respeitam, afinal “*she’s*

everything, he's just Ken”, em português, ela é tudo, ele é apenas o Ken, fora dele, ela não demora a perceber que os olhares direcionados a ela são diferentes.



Figura 12 - Barbie (2023), 00:27:45. Fonte: YouTube.

A cena em questão mostra homens olhando para ambos os bonecos, porém os olhares voltados para a Barbie são de desejo, de cobiça, alguns até fazem “piadinhas” em relação a sua aparência e às roupas que ela está vestindo. Já Ken é encarado com respeito e suas roupas, similares a da boneca, são consideradas estilosas. Aqui existe um exemplo clássico dos chamados “elogios” que na realidade são falas de cunho sexual que corroboram para a objetificação do corpo da mulher.

Mais adiante, enquanto a boneca sofre com outras formas de violências sutis por ser “mulher”, Ken descobre a existência do patriarcado e dedica muito tempo a estudá-lo e entendê-lo. Em determinado momento ele decide voltar para Barbielândia, sem Barbie, para mostrar aos outros Kens que existe a possibilidade de um mundo onde os homens não precisam buscar aceitação incessantemente, disseminando então, os ideais do sistema citado. Esse acontecimento causa uma grande reviravolta, pois quando Barbie retorna frustrada devido à suas experiências, ela se depara com um reflexo da sociedade que acabara de deixar para trás. As Barbies deixaram de lado suas profissões e passaram a se dedicar a servir aos bonecos. Nas cenas abaixo é interessante analisar as roupas que as bonecas vestem e qual é a função delas no contexto. A Barbie servindo as cervejas antes era a presidente e momentos depois ela compartilha com as demais como exercer essa função é melhor do que o seu antigo cargo.

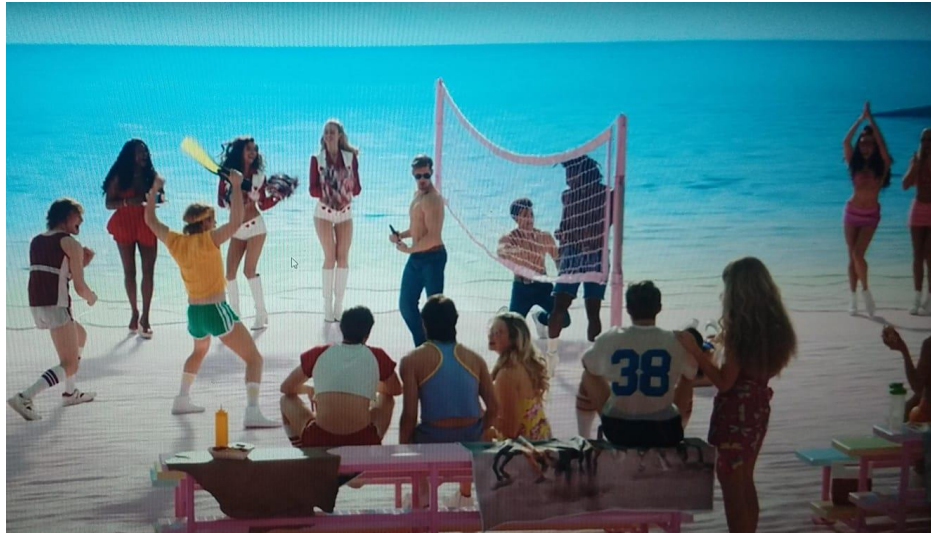


Figura 13 - Barbie (2023), 00:57:28. Fonte: YouTube.



Figura 14 - Barbie (2023), 00:57:38. Fonte: YouTube.

Antes do retorno de Barbie, enquanto ela tenta fugir da Mattel que ao descobrir que ela está no “mundo real” causando possíveis problemas tentam capturá-la e coloca-la de volta em sua caixa de boneca, ela entra em uma sala onde está sentada à mesa de uma modesta cozinha, uma senhora. O espectador ainda não sabe quem é a senhora, nem mesmo Barbie, mas ambas engajam uma conversa quando a boneca compartilha suas frustrações e tristezas em relação ao “mundo real”. Em determinado momento a senhora encara Barbie e diz perceber que ela está diferente, Barbie responde que normalmente não é assim, mas sim “perfeita” e então a senhora contesta dizendo que ao contrário do que a boneca pensa, ela está exatamente como deveria.



Figura 15 - Barbie (2023), 00:50:44. Fonte: YouTube.

A diferença a qual a personagem Ruth se refere não está no físico da boneca, mas sim em seu interior. A mudança pela qual Barbie passou em meio aos acontecimentos fez com que ela percebesse o que a rodeia, sua visão de mundo estava completamente mudada. As novas experiências, o conhecimento e a tomada de consciência da injustiça a transformaram de maneira intrínseca. É isso que acontece com as mulheres quando em situações semelhantes, passam a enxergar o mundo através de outras lentes, lentes de conhecimento.

O filme contém uma cena em que Barbie se apresenta como a própria boneca para algumas adolescentes em uma escola, na esperança de que seja reconhecida e valorizada, mas o oposto acontece. As garotas deixam claro que a odeiam por tudo o que ela representa, como o capitalismo sexualizado e ideais físicos inalcançáveis. Nessa cena se torna evidente a intenção de relacionar o filme com esse aspecto notável da história da boneca, além da busca por fazer conexões que colaborem para o objetivo do filme: problematizar a realidade na qual as mulheres estão inseridas.

Até o final dessa jornada, Barbie já vivenciou muitos problemas que afligem as mulheres contemporâneas. Quando a Barbielândia está prestes a se tornar “O Reino do Ken” por definitivo, Barbie desiste de continuar tentando mudar a situação, todavia a Barbie estranha, Glória e sua filha Sasha, prestam auxílio lembrando a boneca que está passando por uma crise de identidade, de todos os aspectos positivos que ela possui. Em uma conversa profunda entre Barbie e Glória, a humana diz que é praticamente impossível ser mulher, pois delas é esperado que sejam sempre extraordinárias, mas de alguma forma, sempre estão fazendo isso de maneira errada. Então se inicia um monólogo onde ela expõe inúmeras características que precisam ser supridas por uma mulher como a magreza, o dever amar os filhos acima de tudo, mas de não falarem sobre eles incessantemente, a necessidade de possuírem uma carreira, mas também

precisarem estar cuidando de tudo e todos ao mesmo tempo. Não importa o quanto tentem, nunca será suficiente e além de tudo, se existe a necessidade de responsabilizar alguém, a culpa sempre recairá sobre uma mulher. Esses exemplos se tratam basicamente do estereótipo do corpo ideal, o da mãe perfeita, da idealização do instinto materno e protetor e tantos outros.

As Barbies que perderam sua identidade em algum momento devido a influência do patriarcado precisavam ser recuperadas, então Barbie e suas companheiras iniciam uma missão de resgate. Elas acreditavam que o discurso de Glória detinha muito potencial e poderia auxiliar na recuperação das bonecas. As cenas seguintes consistem em uma conversa entre Glória e as Barbies, onde ela discorre sobre todas as questões abordadas no monólogo, além de outras mais e assim, as bonecas despertam do transe. O simbolismo do poder do diálogo, do compartilhamento de ideias na construção da consciência está presente nessa cena, pode-se perceber o objetivo de mostrar como a união das mulheres é importante para que mudanças as mudanças almeçadas sejam enfim alcançadas.



Figura 16 - Barbie (2023), 01:18:23. Fonte: YouTube.

Ao se encaminhar para o final, o espectador assiste ao momento em que tudo está de volta a ser como era antes e cada personagem tem o seu clássico final feliz até o momento em que o final de Barbie é questionado. A boneca diz que acredita não ter um final específico e nesse momento, a senhora com quem Barbie havia se encontrado retorna confirmando isso. Ao revelar ser Ruth Hendler, ela convida a boneca para uma caminhada, na intenção de explicar algumas questões relacionadas ao que significa ser humano. Hendler explica para a sua criação que humanos são finitos, mas ideias não, e Barbie não apenas foi, como ainda é uma ideia, ela

explica também que humanos criam, porque a tarefa de ser e existir é complicada, assim surgem ideias como a boneca e o patriarcado, citando-os como exemplo.



Figura 17 - Barbie (2023), 01:42:24. Fonte: YouTube.

Na cena final do filme, depois que Barbie decide querer viver novamente entre os humanos fazendo parte deles, prestes a vivenciar sua primeira experiência no “mundo real” como mulher, vê-se que nos pés ela calça um par de sapatos Birkenstocks. O símbolo e o significado desse calçado foram abordados anteriormente e retornam para mostrar que a decisão difícil foi tomada, que apesar de todo o acontecido, Barbie, agora Barbara Hendler, optou pela mudança.



Figura 18 - Barbie (2023), 01:46:50. Fonte: YouTube.

A forma tocante como o filme aborda a vivência das mulheres corroborou para a maneira como ele foi recebido pelo público, apesar da existência da ideia de que alguns não entenderam a real intenção da produção. A boneca Barbie em si é tida por muitos como algo fútil em muitos aspectos, inclusive por mulheres, todavia ao se tornar a ferramenta pela qual a realidade da mulher foi evidenciada e problematizada, pode-se dizer que houve uma mudança de pensamento, embora pequena.

É claro que também é visível a intenção do filme em romantizar a relação de Ruth Hendler com a criação da boneca, a história faz crer que as intenções de Hendler foram unicamente baseadas no desejo de que as meninas tivessem a oportunidade de ir além, inspirando-se em uma mulher de fantasia que apesar do gênero, podia conquistar tudo o que quisesse. Porém o fator da ampla comercialização da boneca é deixado às margens, Barbie também se tornou símbolo do capitalismo, não só pelo seu estilo consumista, mas porque a Mattel obteve grande capital investindo em sua produção.

A Barbie nas premiações do cinema

Devido a inúmeros fatores relacionados, além das atuações, da produção e da direção do filme, Barbie (2023) obteve oito indicações ao maior prêmio do cinema internacional por parte da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, o Oscar.

No ano de 2024 durante a 81ª edição da premiação do Globo de Ouro, Barbie (2023) foi uma das produções indicadas a receber o prêmio. Todos os anos a cerimônia dispõe de um anfitrião, uma pessoa cuja responsabilidade é conduzir o evento. Nesse ano o escolhido foi o humorista Jo Koy, que ao falar sobre o filme de Greta Gerwig, acabou por iniciar uma enorme discussão acerca do fato de os espectadores terem tido a capacidade de entender o filme. Koy se referiu a produção como sendo sobre "uma boneca de plástico com seios grandes" e continuou sua fala dizendo: "não quero que vocês pensem que sou um canalha, mas é meio estranho sentir atração por uma boneca de plástico". Após suas falas, ele foi acusado de fazer comentários machistas, reproduzindo misoginia e de reduzindo a atributos físicos o amplo significado do filme.

CAPÍTULO 3 – *WHAT WAS I MADE FOR?*

Neste último capítulo, será tratado sobre o processo de construção de identidade, a influência das representações cinematográficas na construção da identidade, mais especificamente a das mulheres e aspectos que afetam o hoje, sendo a principal deles a violência simbólica de gênero. Cabe aqui também, discutir de que modo o cinema tem o potencial de questionar e também, a capacidade de mexer com o pensamento coletivo.

Como já evidenciado inúmeras vezes durante esse trabalho, o cinema é uma ferramenta cujo o uso permite perceber aspectos existentes no cerne de uma sociedade. Sabe-se que assim como tantas outras questões, as da representação da mulher é fruto do poder de alguns que estão presentes no coletivo e em condições de dominância e influência. Sabe-se também que a construção da identidade do ser humano, como ele se reconhece e como se comporta no ambiente em que vive, advém de inúmeros fatores, sendo o mais influente deles os ideais impostos socialmente como regras.

O processo de construção de identidade

A formação da identidade humana é um processo complexo e multiforme, influenciado por uma variedade de fatores individuais, sociais e culturais ao longo da vida de uma pessoa. Esses elementos interagem de maneira dinâmica para moldar o ser humano, como nos vemos e como se relacionam com o mundo ao seu redor.

A identidade individual é construída a partir de características pessoais únicas, como traços de personalidade, interesses, habilidades e experiências de vida. A história pessoal, incluindo eventos significativos e momentos de transição, desempenha um papel crucial na formação da identidade. Muito próxima do individual, está a influência exercida pelos familiares. Desde o nascimento, a família desempenha um papel central na formação da identidade. Tanto mães e pais, quanto cuidadores influenciam profundamente nos valores, crenças e comportamentos expressados, isso ocorre por meio da educação, da modelagem de papéis e transmissão de convenções culturais.

O ambiente social em que o indivíduo cresce, abrangendo amigos, colegas, comunidade e cultura de forma mais ampla, também molda a identidade. Normas sociais, expectativas culturais e padrões de comportamento são internalizados ao longo do tempo, influenciando a autoimagem e identidade social.

A identidade é fortemente influenciada pelo desenvolvimento emocional e psicológico ao longo das diferentes fases da vida. Questões como autoestima, autoconceito e a capacidade de lidar com desafios emocionais desempenham um papel crucial na formação de uma identidade sólida e resiliente e essa pode ser uma das mais complexas para as mulheres.

A identidade também é moldada pela forma como as pessoas se percebem e se avaliamos ao longo da vida. A autorreflexão e o autoconhecimento são essenciais para o desenvolvimento de uma identidade autêntica e coesa, permitindo-nos integrar diferentes aspectos de sua individualidade de maneira significativa.

Basicamente, a identidade humana é um produto dinâmico e em constante evolução de interações complexas entre fatores internos e externos. Reconhecer e entender os múltiplos elementos que contribuem para a formação da identidade podem auxiliar a desenvolver um senso de autoconhecimento profundo, além da compreensão do próprio ser e dos demais.

Violência simbólica de gênero

Em um mundo onde o poder concentra-se nas mãos dos homens, a partir da crença da superioridade do masculino, as mulheres enfrentam problemas que acabam por estar intimamente ligados a seu gênero. Por conta dessa realidade, um termo que vem sendo amplamente utilizado para denominar e explicar esses acontecimentos, é o de violência simbólica de gênero.

O termo em questão foi inicialmente proposto pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu no século XX. Para ele, os seres humanos são detentores de quatro tipos diferentes de capitais sendo um deles, o capital simbólico que diferente do econômico, por exemplo, não se trata de algo físico e palpável, mas sim de algo abstrato como é o caso da honra e da dignidade humana. Quando há em meio a um grupo uma certa discrepância nos níveis desse capital, a violência simbólica acontece, pois aqueles que menos possuem, são inferiorizados. Por vezes, é possível que devido a sutileza dela, agressores e agredidos nem percebam que estão sofrendo com ela.

É em uma obra intitulada “A dominação masculina” do ano de 1998, que Bourdieu dedica-se a questão de gênero explicitando que em sociedades patriarcais, as mulheres são vítimas constantes da violência simbólica

“... a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se

expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica. Por conseguinte, seus atos de conhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que "faz", de certo modo, a violência simbólica que ela sofre" (BOURDIEU, 1998, p. 45).

A violência simbólica se manifesta através da imposição e reforço de normas de gênero rígidas e estereótipos prejudiciais. Um exemplo claro é a expectativa de que homens devem ser fortes e assertivos, enquanto mulheres devem ser delicadas e submissas, essas concepções limitam as possibilidades de expressão e desenvolvimento pessoal cruciais no processo de formação da identidade.

A mídia frequentemente reproduz e reforça padrões de gênero estereotipados, influenciando a percepção pública sobre papéis e comportamentos adequados para homens e mulheres. Isso acaba por perpetuar ideais de beleza inatingíveis, reforçar a objetificação sexual de mulheres e marginalizar identidades de gênero não conformes.

A linguagem pode ser uma ferramenta poderosa na reprodução da violência simbólica de gênero. Expressões sexistas, piadas depreciativas e comentários que desvalorizam ou diminuem pessoas com base no gênero reforçam desigualdades e contribuem para a marginalização e exclusão.

As instituições, sejam elas de educação, de trabalho ou até mesmo religiosas, muitas vezes refletem e reforçam normas de gênero dominantes. Práticas discriminatórias em processos de contratação, promoção e distribuição de recursos são exemplos de como a violência simbólica pode ser perpetuada dentro desses contextos.

É possível dizer que de todas as consequências da violência simbólica de gênero, a que fere o psicológico é a mais perigosa, pois pode ter um impacto profundo no bem-estar emocional e psicológico das pessoas, afetando sua autoestima, autoconfiança e senso de identidade. A internalização de estereótipos de gênero negativos pode levar a sentimentos de inadequação e autojulgamento severo.

A influência do cinema e o questionamento do *status quo*

Ao cinema é também atribuída a imensa capacidade de mudar os paradigmas sociais uma vez que influencia a reflexão das visões de mundo da sociedade. Muito se debate acerca de como e porque o cinema tem tanto poder de influência sobre um coletivo de pessoas e as respostas são inúmeras.

A sétima arte exerce uma influência poderosa na vida das pessoas de diversas maneiras, moldando suas percepções, emoções, comportamentos e até mesmo suas visões de mundo.

Alguns aspectos dessa influência se encontram na propriedade de entretenimento e escapismo que ele possui. O cinema oferece uma forma de entretenimento que permite às pessoas escapar temporariamente da realidade. Filmes abrem janelas para mundos fictícios, histórias inspiradoras, que transportam o espectador para além de suas preocupações diárias.

Outra qualidade do cinema que colabora para sua influência e que é um aspecto chave da discussão proposta por esse trabalho, é o de reflexão e identificação. Filmes frequentemente abordam questões humanas universais, tanto boas quanto ruins. Essas narrativas podem servir como espelhos, permitindo que os espectadores reflitam sobre suas próprias vidas e desafios pessoais, além de se identificarem com personagens que enfrentam dilemas similares.

As produções cinematográficas também têm a capacidade de educar e conscientizar as massas sobre uma variedade de temas, desde questões sociais e políticas até aspectos culturais e históricos. É possível dizer que essa conscientização resulta em influências sociais e culturais, pois filmes detêm também o poder de moldar tendências culturais, influenciar modas, estilos de vida e até mesmo a linguagem popular. Eles podem introduzir novas ideias, conceitos e valores na sociedade, desafiando normas estabelecidas ou reforçando tradições.

É evidente a busca que o filme *Barbie* (2023) faz por uma forte conexão emocional com os espectadores, mas é preciso ter presente que a produção advém da indústria cultural e essa, por sua vez, almeja lucros, afinal é uma potente ferramenta capitalista. Apesar disso, outros filmes também almejam o mesmo e isso evidencia como o desenvolvimento emocional de quem assiste às produções também é afetado. A experiência emocional intensa proporcionada pelo filme da boneca e tantos outros, tem profundo impacto no desenvolvimento emocional das pessoas. Filmes que exploram temas complexos como questões de gênero, de valorização, de validação, como esse cuja uma análise é proposta podem ajudar os espectadores a compreender melhor suas próprias emoções e reações, além de dar significados a elas.

Outas inúmeras qualidades do cinema como arte de imensa influencia podem ser citados, como a possibilidade de compartilhar interesses comuns e experiências emocionais e que aproximam pessoas, a cena do primeiro encontro entre *Barbie* e *Barbie Estranha* analisada anteriormente é um grande exemplo disso, pois aquela importante decisão é um acontecimento universal na vida das mulheres. Em suma, a influência do cinema na vida das pessoas é multifacetada e profundamente significativa. Desde fornecer entretenimento até desafiar perspectivas, o cinema continua a desempenhar um papel vital na cultura contemporânea, moldando atitudes e influenciando o modo como o mundo é percebido.

Em uma sociedade em que mulheres são "valorizadas" por seus atributos físicos e não por suas capacidades, a busca pela validação se torna necessária. Para além das características

físicas, quando as representações são pautadas no que a sociedade acredita ser a função de uma mulher, é deveras complicado que elas consigam enxergar seu valor para além do que é constante exposto e disseminado.

Nesse contexto, as mulheres frequentemente se encontram presas em um ciclo de busca por validação externa, tentando se adequar a padrões que nem sempre refletem quem realmente são ou o que são capazes de realizar. A pressão para corresponder a esses ideais impostos pode impactar profundamente a autoestima e a autoconfiança, levando muitas a duvidar de suas próprias habilidades e potenciais.

Além disso, as consequências vão além do indivíduo. A perpetuação desses estereótipos pode reforçar desigualdades de gênero estruturais, limitando as oportunidades de crescimento e participação das mulheres em diversos setores da sociedade. Quando o valor das mulheres é reduzido a atributos físicos ou a papéis estereotipados, suas contribuições intelectuais, emocionais e profissionais muitas vezes são subestimadas ou ignoradas.

Para romper com esse ciclo, é essencial promover uma visão mais ampla e inclusiva do que significa ser mulher. Isso envolve desafiar e desconstruir os estereótipos de gênero arraigados, valorizando a diversidade de habilidades, interesses e trajetórias individuais. Educação, conscientização e representação positiva nos meios de comunicação são passos cruciais para empoderar as mulheres a reconhecerem e celebrarem seu próprio valor, independentemente das expectativas externas.

É fundamental que cada mulher tenha a oportunidade de se desenvolver plenamente, explorando seus talentos e contribuindo para a sociedade de maneira autêntica e significativa. Somente assim poderemos construir um futuro onde todas as pessoas, independentemente de gênero, sejam valorizadas por suas capacidades e conquistas, e não limitadas por estereótipos restritivos e superficiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final, é possível perceber que existem certos padrões da vida cotidiana que refletem em produções cinematográficas e vice e versa, afinal, quem as cria também as vive. A relação da História com o cinema é muito interessante e apesar de os trabalhos desenvolvidos a respeito não serem numerosos, o proveito proporcionado pelo estudo dessa relação é inegável. Muito se pode compreender quando analisadas em conjunto história e produção fílmica.

História e cinema influenciam e moldam um ao outro de formas profundas e significativas. Os filmes não apenas refletem a história, mas também a reinterpretam e reimaginam, possibilitando visualizar novas perspectivas e narrativas que podem desafiar ou complementar o que se tem conhecimento atualmente.

É possível afirmar que obras audiovisuais das mais diversas, não apenas o cinema, fazem com que os espectadores reflitam sobre a sociedade e as questões que permeiam suas existências enquanto seres atuantes coletivamente. Barbie é somente um dos inúmeros exemplos disso.

Enquanto a história das mulheres, o debate é de fato complicado. Todas as reproduções de crenças acerca da existência delas é reflexo de padrões que começaram a ser desenvolvidos e reforçados desde o início da Idade Média e por isso se tornam difíceis de superar. Ainda há muito o que fazer para que sejam abandonados antigos hábitos, hoje percebidos como pejorativos, graças a constante e incessante luta de mulheres que buscam reconhecimento e respeito.

Já se entende que a formação da identidade do ser humano se dá por meio das influências da ambiente onde ele vive, isso significa que todos os aspectos da cultura de uma sociedade formam moldes que se tornam peças com as quais as concepções acerca de quem são e o que representam constroem o significado de suas vidas. É perceptível e irrefutável que a influência do machismo e da misoginia não afeta exclusivamente as mulheres, pois aos homens muitas condutas são similarmente impostas.

A sociedade frequentemente atribui aos homens um conjunto restritivo de papéis e comportamentos que reforçam noções de masculinidade tóxica. Isso inclui a repressão emocional, a dominância e a necessidade evitar demonstrações de vulnerabilidade ou sensibilidade diante dos demais, resultando em consequências negativas para a saúde mental e emocional dos homens.

Além disso, a misoginia se manifesta na desvalorização de características tradicionalmente vistas como femininas. Ao reproduzir que homens não podem agir com cuidado e sensibilidade, por exemplo, cria-se um ambiente em que homens são incentivados a aderirem comportamentos hostis, uma definição limitada e muitas vezes prejudicial de masculinidade e virilidade.

Ao considerar essas consequências, torna-se evidente que a luta contra o machismo e a misoginia é uma questão que pode trazer benefícios a todos. Promover uma visão mais ampla e inclusiva de gênero não apenas fortalece as mulheres, mas também permite que os homens se libertem de expectativas prejudiciais. Reconhecer e combater essas normas de gênero limitantes é importante para promover a criação de um ambiente mais saudável para todos, independentemente do sexo ou identidade de gênero.

Finalmente, é pertinente citar um questionamento do personagem Aaron Dickens, um dos funcionários da empresa Mattel, pois ele tem o poder de incitar múltiplas reflexões sobre como a identidade das mulheres vem sendo construída nos últimos tempos: *“I’m a man with no power, does that make me a woman?”* em português, “Eu sou um homem sem poderes, isso faz de mim uma mulher?”

FONTES

BARBIE. Greta Gerwig. Estados Unidos: Mattel, Mattel Films, LuckyChap Entertainment, Heyday Films, NB/GG Pictures, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-yKtIaTDi24&t=3458s>. Acesso em: 21/06/2024.

8 Mulheres. François Ozon. França: Olivier Delbosc, Marc Missonnier, 2002. Disponível em: <https://ok.ru/video/2856651262549>. Acesso em: 01/04/2024.

7 Mulheres e um Mistério. Alessandro Genovesi. Itália: Lorenzo Gangarossa, Lorenzo Mieli, Mario Gianani, 2021. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81513881>. Acesso em: 10/05/2024.

REFERÊNCIAS

- CECHIN, M; SILVA, T. Assim falava Barbie: uma boneca para todos e para ninguém. *Fractal: Revista de Psicologia*, Rio Grande do Sul, v. 24, n. 3, p. 623-638, set. – dez. 2012.
- DE BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- DE LIMA, Carlos Eduardo F. **Quando o historiador deixa de assistir e começa a analisar: reflexões sobre a relação história e cinema**. p. 1-8, ANPUH-PB, Paraíba.
- HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. Londres: Sage Publications Ltd, 1997.
- HEINSFELD, Adelar. Sob a Inspiração de Clio: uma introdução ao estudo da História. Passo Fundo: Digital Publish & Print Editorial/PPGH-UPF, 2013.
- JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. São Paulo: Papirus, 1996.
- KNAUSS, P. **O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual**. *ArtCultura*, Uberlândia, v.8, n.12, p. 97-115, jan. – jun., 2006.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- MONTEIRO, C. **Pensando sobre História, Imagem e Cultura Visual**. *Patrimônio e Memória*, São Paulo, v.9, n.2, p. 3-16, jul. – dez., 2013.
- MORETTIN, E. V. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro**. *História: Questões e Debates*. Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003.
- PINSKY, Carla Bassanezi. et al. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

